

ALEMÃES EM PORTO ALEGRE: SUA PRESENÇA NO TRABALHO, NA CULTURA, NO COMÉRCIO, NA INDÚSTRIA

René E. Gertz

Quem ouve falar de alemães e descendentes no Rio Grande do Sul tende a imaginar “colonos”, trabalhadores rurais que cultivavam pequenos lotes de terra de sua propriedade, para sustento e para obter algum excedente a vender, pelo interior do estado afora. No decorrer do tempo, este quadro rural gerou povoações, algumas das quais evoluíram para cidades de porte médio, hoje bastante conhecidas (Novo Hamburgo, Santa Cruz do Sul, Lajeado, Ijuí, entre muitas outras).

Este padrão, obviamente, não vale para Porto Alegre. Mas a Capital também foi influenciada, de forma significativa, pela presença deste grupo étnico, já nos primeiros tempos após a fundação da colônia-modelo São Leopoldo (1824). As condições efetivas de vida fizeram com que alguns dos recém-chegados se deslocassem, muito cedo, para a grande cidade. Havia, no mínimo, três motivos para isso: ainda que as ordens das autoridades brasileiras para a seleção de candidatos à imigração definissem como condição o ser “agricultor”, esta ordem nem sempre foi observada – além de gente sem qualquer preparo profissional, vieram artesãos com especializações para as quais não havia procura suficiente na “colônia”; além disso, uma das funções era produzir alimentos para Porto Alegre – e, para cumprir este papel, havia necessidade de intercâmbio comercial, motivo que levou alguns a se deslocarem para a Capital, a fim de viabilizar a intermediação; por último, não se pode esquecer que dez anos após o início da imigração eclodiu a Revolução Farrroupilha, que trouxe problemas de segurança para o vale do Sinos, levando alguns a deslocar sua residência para o centro urbano maior.

Este processo, naturalmente, foi se modificando no decorrer do tempo, mas o importante a destacar é que número considerável de alemães – depois também descendentes – acabou se fixando na metrópole. O estudo mais elaborado sobre presença teuta na Capital, durante a segunda metade do século XIX, é, sem dúvida, o de Magda Gans (2004). Ela mostrou que o processo não

se manteve uniforme, ao longo dos anos, e que a transferência de pessoas da “colônia” não foi o caminho mais importante, quando se observa o espaço temporal que vai até a Proclamação da República. Gradativamente, Porto Alegre passou a exercer atração própria sobre imigrantes, de forma que muitos dos alemães ali estabelecidos passaram a ser indivíduos vindos diretamente do exterior, sem passagem por São Leopoldo ou por outra das regiões entrementes colonizadas. Eles se inseriram numa ampla gama de atividades profissionais, que vão do comércio e do artesanato até trabalhos domésticos, ainda que o setor de “serviços” tenha tido destaque numérico especial.

Meticulosa pesquisa sobre os locais de exercício de atividades mostra que chegaram a apresentar densidade bem perceptível em algumas áreas da cidade. A análise de Gans também mostra o surgimento de uma atmosfera alemã específica de grande cidade, em contraste com aquela que vigorava no interior – como exemplo, aponta para dificuldades da comunidade luterana local em relacionar-se com o Sínodo Riograndense, entidade eclesiástica que congregava a massa dos luteranos gaúchos.

É sobre este universo populacional que se tentará apresentar algumas informações. Pelas limitações de espaço, não será possível entrar em detalhes, e, menos ainda, mostrar situações cronologicamente cambiantes, como Magda Gans conseguiu fazer para o período que vai de aproximadamente 1850 a 1890.

Este texto estava em elaboração, quando foi publicado artigo com o título “Os alemães de Porto Alegre”, de Günter Weimer (2021). Ele não faz referência a Gans, mas tangencia alguns aspectos referidos por ela. Retoma a procedência daqueles que se estabeleceram na Capital, aborda preconceitos contra eles, fala de sua importância demográfica, das atividades econômicas a que se dedicaram. Da mesma forma que Gans, suas considerações, porém, focam o período que se estende até, mais ou menos, 1875. Diante da situação, como há indicadores bastante plausíveis e confiáveis apontando para os cerca de 50 anos entre 1890 e 1940 como aquela fase em que a presença “alemã” foi percebida como mais marcante – não necessariamente no sentido demográfico, mas em termos econômicos, sociais, políticos, culturais –, optou-se pela tentativa de traçar um quadro genérico, pouco aprofundado deste espaço cronológico, imaginando que um livro com caráter rememorativo será lido por um público diversificado, não necessariamente especializado. Além das limitações quanto à densidade das informações, não será possível fazer uma apresentação mais analítica ou crítica – trata-se, muito mais, do arrolamento parcial de temas que de um estudo detalhado.

Considerando que Magda Gans teve dificuldades para levantar dados demográficos confiáveis – ainda que aponte para um número de cerca de 6%

da população, na segunda metade do século XIX –, preferiu-se não abordar este tema para o período posterior à Proclamação da República.¹ Quanto à localização geográfica de áreas de ocupação mais densa, temos algumas indicações.

O Bairro Floresta foi o bairro onde os imigrantes alemães formaram um misto de subúrbio industrial e área residencial. Sua principal artéria, a Rua Cristóvão Colombo, onde estava instalada a Cervejaria Brahma, hoje transformada num shopping center, ainda hoje é lembrada como um local de festas, cervejas, gastronomia (OLIVEIRA, 2010, p. 24).

Mesmo que grupos sociais médios, possivelmente, tenham se espalhado por várias regiões da cidade, Alexandre Fortes (2004) aponta que o “Quarto Distrito”, abrangendo bairros como Navegantes e São João, abrigou, no século XX, a maior parte da classe trabalhadora porto-alegrense, incluindo percentual significativo de “alemães”. Janete Machado (2014, p. 12), por sua vez, recorrendo a um depoimento de Helga Piccolo, apontou para uma região que abrigou número não desprezível da elite germânica, na zona sul da cidade:

A questão é que em um determinado momento a burguesia urbana porto-alegrense, onde avultavam os alemães, vai querer um lugar de veraneio. [...]. A Tristeza tinha até hotéis que eram de propriedade dos alemães, todos empresários de origem germânica: donos de hotéis, restaurantes, armazéns e até de transporte coletivo.

Bairro que abrigou outra parte da elite foi Moinhos de Vento. Um jornalista contemporâneo escreveu que “os poderosos industriais e comerciantes, com destaque especial para os de origem alemã, eram a face mais visível da pujança e da modernidade do Moinhos de Vento” (BISSÓN, 2008, p. 40). O fato, provavelmente, explica por que, na década de 1920, ali fosse construído o Hospital Alemão, mais tarde “nacionalizado” para Moinhos de Vento, instituição em que se observam, até hoje, sobrevivências das origens germânicas: entre administradora(e)s, continuam a registrar-se sobrenomes alemães, alguns luteranos, confissão religiosa a que, também, estão vinculadas as “*schwestinhas*” (“irmãzinhas”), diaconisas que atuam nos serviços de enfermagem. O superintendente executivo do hospital, Mohamed Fayeç Parrini Mutlaq, costuma sugerir, numa eventual visita, um passeio pelo Bosque Schwester Ires Spier.

¹ Numa frase não totalmente clara, Jean Roche (1969, p. 193) sugere que, entre 1824 e 1914, 50.000 “alemães” se estabeleceram em Porto Alegre. A frase é a seguinte: “O número deles [teuto-brasileiros], 50.000 aproximadamente, ultrapassa ali [em Porto Alegre] o de todos os imigrantes que entraram no Rio Grande do Sul, entre 1824 e 1914”.

A localização do primeiro estádio do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense nesta região não deve ter sido coincidência. Outro “enclave alemão” elitista é o bairro Três Figueiras, situação que explica a transferência da mais tradicional escola ligada à “colônia alemã” de Porto Alegre – o Colégio Farrroupilha – da região central para lá (SEITZ, 2010).

Na década de 1960, o economista Paul Singer (1977) escreveu uma tese de doutorado – depois publicada em livro – na qual analisou a evolução de cinco centros urbanos pelo Brasil afora, incluindo Porto Alegre. Como um dos centros estudados foi Blumenau, chega a causar certa surpresa que tenha insistido com Porto Alegre como “cidade dos alemães” – e a Capital a que ele se referiu foi a do período que aqui nos interessa (p. 141-199).

Considerando a importância da economia em qualquer sociedade, iniciemos pela atuação de “alemães” neste campo. Já que a contribuição deles para a agricultura está excluída, naquilo que tange a Porto Alegre, e como seria muito penoso reunir dados confiáveis sobre as pequenas empresas de prestação de serviços, as atividades artesanais, o pequeno comércio, por exemplo, serão feitas algumas poucas referências ao comércio e à indústria de grande porte, eventualmente sugerindo alguma bibliografia.

No livro *Porto Alegre e seu comércio*, de Sérgio da Costa Franco (1983), não há qualquer preocupação em destacar determinados grupos, nesta atividade. Mas em duas oportunidades foi citada a importância de Alberto Bins (como comerciante, não como industrial); além disso, empresas “alemãs” são mencionadas como importantes no processo de importação de máquinas (p. 116 e 144). Da mesma forma, as referências aos quebra-quebras durante as duas guerras mundiais mostram, de fato, a presença significativa de empreendimentos comerciais ligados a pessoas de origem alemã (p. 127-129 e 175-176).

No conhecido livro alusivo ao centenário da imigração alemã, em 1924, *Cem anos de germanidade...*, o padre Theodor Amstad trouxe os seguintes dados referentes ao comércio:

Enquanto da atual população desta cidade só algo como 12% são de origem alemã, a participação dos teutos no comércio é de 28%, e na indústria de 32%, significando de 2 a 3 vezes o índice populacional. Em todos os ramos de comércio [...], o elemento alemão está representado, e mesmo em firmas luso-brasileiras alemãs, muitas vezes, são acionistas ou participam da administração (AMSTAD, 1924, p. 251-253).

Dos pequenos empreendimentos comerciais que faziam a troca de mercadorias com a “colônia” do interior, vários evoluíram para grandes empresas. Estas relações se tornaram tão intensas que acabou se consolidando a figura dos caixeiros-viajantes, atividade cuja importância pode ser avaliada

pelo fato de que constituíram uma associação que continua presente no cenário da Capital – o Clube Caixeiros Viajantes. A importância histórica da entidade pode ser ilustrada pelo fato de que editava um almanaque que chegou a contribuir na divulgação de uma incipiente literatura teuto-gaúcha. Trata-se do *Musterreiter's Neuer Historischer Kalender*, fundado em 1885, e que, mesmo sem regularidade, circulou até 1918 (BONOW, 1993, p. 82-83).

Mas o comércio “alemão” de Porto Alegre não se restringiu ao intercâmbio com o interior. Há casos em que o capital não se originou desta troca. Pode-se citar a firma Bromberg como exemplo de um empreendimento muito grande, que, fundado em Porto Alegre, estendeu seus “tentáculos” não só para outros estados do Brasil, mas até para o exterior, tornando-se uma empresa que, entre muitas outras coisas, comercializava máquinas de grande porte, para a indústria e a agricultura (MACHADO, 2019). Além de uma infinidade de outros exemplos, cabe citar algumas poucas casas comerciais lembradas, ainda hoje, por habitantes de mais idade: Bier & Ullmann, Casa Masson, Fraeb, Hillmann, Kircher, Krahe, Luchsinger.

Naquilo que tange à indústria, infelizmente ainda não existe tradução de um livro sobre os primórdios deste processo, escrito pelo historiador alemão Dietrich von Delhaes-Guenther (1973). Apesar de referir-se ao conjunto do estado, apresenta muitas informações específicas sobre a Capital. Nos relatos de histórias sobre empresários e empreendimentos, transparecem problemas que precisavam ser superados, no contexto local da segunda metade do século XIX. Em 1856, por exemplo, José Becker resolveu abrir um estaleiro para fabricar barcos de metal (não de madeira, como era usual). Encaminhado pedido de autorização, a burocracia estatal duvidou da possibilidade, pois – segundo seus integrantes – seria impossível fazer flutuar metal. Felizmente, Becker conseguiu convencer a comissão de burocratas a comparecer ao Guaíba, onde tomou um panelão de ferro, dentro do qual colocou mais ferro, e a coisa flutuou. Só então, foi autorizado a abrir o estaleiro (p. 167).

É claro que neste processo de industrialização estiveram envolvidos empreendedores de diferentes origens étnicas, mas não há dúvida de que a presença de “alemães” foi marcante. E assim continuou durante os anos “áureos” de que estamos tratando. Basta lembrar algumas das empresas que até hoje fazem parte da memória local: Berta, Bins, Brutschke, Christoffel, Gerdau, Gertum, Mentz, Neugebauer, Renner, Tannhauser, Teichmann, Wallig, cervejarias Becker, Bopp, Ritter.

Como detalhe folclórico, pode-se lembrar que a então ainda incipiente indústria farmacêutica teve representantes entre “alemães”. Quem foi criança durante a segunda metade do século XX pode ter recebido de sua mãe uma

dose de Fieberlin, quando apresentava sintomas de febre. O produto era fabricado pelo Laboratório Wesp (que ainda existe).² O medicamento parece não existir mais, mas o laboratório continua a produzir a tradicional Olina; o Bukru do Laboratório Kraemer também continua acessível nas farmácias, ainda que com grafia “aportuguesada”.

Comércio e indústria, naturalmente, deram origem a grupos sociais específicos. Abstraindo dos consumidores, destacam-se empresários e trabalhadores. Naquilo que tange aos primeiros, a Associação Comercial de Porto Alegre foi criada – ainda que não com este nome – no final da década de 1850. Em sua primeira diretoria, havia ao menos um sobrenome que sugere origem alemã. Esta presença certamente se ampliou, no decorrer dos anos, e o fato de que o imponente prédio inaugurado em 1940, que a abriga até agora, tenha sido projetado por um arquiteto alemão não deve ser coincidência.

Quanto à indústria, a criação de uma organização dos empresários foi mais demorada. Apenas em 1930, surgiu o Centro de Indústria Fabril, precursor da FIERGS. Quem ler o trabalho pouco divulgado de Ani Maria Schiphorst Hass (1971) constatará a presença e a influência decisivas de “alemães”, nos seus primórdios.

Pela raridade de pesquisas envolvendo os trabalhadores do comércio, as referências se concentrarão naqueles dedicados à produção industrial. Mesmo que não se tenham dados numéricos sobre a presença “alemã” entre o proletariado industrial porto-alegrense, ela não deve ter sido desprezível, tendo em vista que há informações de que em assembleias, muitas vezes, eram utilizadas três línguas: português, espanhol e alemão. Já nos últimos anos do século XIX, há referências à presença da social-democracia alemã entre operários daqui, com a criação de um *Allgemeiner Arbeiterverein* [Associação Geral de Trabalhadores]. Como se sabe, no início do século XX, a orientação anarquista conquistou espaço entre o operariado porto-alegrense. Mesmo que o anarquismo não tenha sido tendência dominante no movimento operário da Alemanha, anarquistas de sobrenome alemão estiveram atuantes por aqui. A partir de 1917, esta presença foi marcada pela figura de Friedrich Kniestedt, liderança *sui generis*, que, de 1920 a 1930, editou um dos mais longevos jornais anarquistas do Brasil, *Der freie Arbeiter* (GERTZ, 1989).

Um historiador que vem contribuindo para evidenciar a presença “alemã” entre o operariado porto-alegrense é Frederico Duarte Bartz. Além de outros trabalhos, cabe referir a lembrança de um lugar de memória operário-

² O nome, possivelmente, representava uma abreviatura de *Fieberlinderer*, “aliviador de febre”.

alemão de Porto Alegre, sobretudo, porque ainda serão referidos outros lugares de memória, mas não exatamente dos setores mais modestos deste grupo étnico. Em 1883, foi fundado o *Bürgerklub* (Clube dos Cidadãos), com objetivos beneficentes. No decorrer do tempo, sua sede acabou se constituindo em local de reuniões de trabalhadores. A partir de 1912, foi frequentado pelos militantes do *Allgemeiner*. Com a vinda de Kniestedt, em 1917, as reuniões promovidas por ele também se realizavam ali. “Desta forma, recordar o *Bürgerklub* como um espaço apropriado pelos trabalhadores é também ajudar a construir uma memória alternativa para a cidade de Porto Alegre.”³ Mesmo não havendo espaço para entrar em detalhes, há outras “sociedades” em que a iniciativa e a presença de trabalhadores foram significativas – para exemplificar, em 1927, foi fundado o *Turnverein Navegantes São João* (Sociedade Ginástica Navegantes São João), que não é idêntico ao *Turnverein* que hoje sobrevive na SOGIPA.

Ao lado da economia como campo fundamental da convivência humana, está a política. Imigrantes alemães e descendentes enfrentaram restrições ao exercício da cidadania, que só foram sendo eliminadas, gradativamente, na segunda metade do século XIX. Quase ao final do período imperial, foram eleitos os primeiros deputados provinciais de sobrenome alemão – cinco ao todo (PIASSINI, 2017). Dois atuavam no interior, três eram de Porto Alegre (Friedrich Haensel, Karl von Koseritz e Wilhelm ter Brüggen), ainda que não tivessem sido eleitos exclusivamente por votantes da Capital. Este envolvimento da “colônia alemã” na política sofreu retrocesso com a Proclamação da República. Os republicanos liderados por Júlio de Castilhos não apreciavam a participação mais ampla da sociedade na política, instaurando um sistema centralizado.

Medidas contra os jesuítas levaram “alemães” de tradição católica a criar um Partido do Centro, nos moldes de um homônimo na Alemanha. Com o fracasso eleitoral deste novo partido, Júlio de Castilhos propôs um acordo – que lhe indicassem um ou mais candidatos à inclusão na lista de seu Partido Republicano Riograndense. Desta forma, nos primeiros 40 anos da República, deputados com sobrenome Englert e Kroeff, por exemplo, refletem os resultados deste acordo. Cumprindo promessa do próprio Castilhos, seu sucessor, Borges de Medeiros, indicou Arno Philipp como “representante” da população germano-luterana – ele também ocupou este cargo até o final da Primeira República.

Por falta de estudos sobre a composição do Conselho Municipal (Câmara de Vereadores) e dos nomes dos secretários municipais, não é possível

³ Lugares de Memória dos Trabalhadores #04: Bürgerklub, Porto Alegre (RS) – Frederico Duarte Bartz. Disponível em: <<https://lehmt.org/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-burgerklub-porto-alegre-rs-frederico-duarte-bartz/>>. Acesso em: 17 dez. 2021.

opinar sobre a eventual presença de “alemães”. Mas após a revolução de 1923, que indicou perspectivas de o “reinado” de Borges de Medeiros chegar ao fim, os intensos festejos do centenário da imigração alemã, em 1924, incentivaram a articulação política da “colônia”. Nas eleições federais de 1927, Borges sugeriu incluir o nome do empresário Alberto Bins na lista à Câmara Federal. Ele se opôs à ideia, confessando, em particular, que sua influência, neste nível, seria mínima, e, certamente, viria a decepcionar (GERTZ, 2002, p. 70). Mas a força política dos “alemães” – refletindo seu papel econômico –, em nível local e estadual, nos anos seguintes, se consolidou. A fundação do Hospital Alemão e da VARIG, em 1927, certamente, são reflexo desta consolidação.

Após ter exercido mandatos de conselheiro municipal e de deputado estadual, Bins aceitara ser candidato a vice-intendente (vice-prefeito) de Porto Alegre, na chapa encabeçada por Otávio Rocha, em 1926. Quando, dois anos depois, o titular faleceu, coube a ele assumir o governo da Capital. Mantido na função por Flores da Cunha, que passou a governar o Rio Grande do Sul após a revolução de 1930, permaneceu no cargo até a queda deste, em 1937.

A presença de alemães em Porto Alegre também se refletiu na edificação de “monumentos” que continuam plantados na paisagem da cidade. Entre os historiadores, Arnoldo Doberstein (1992; 2002) é, certamente, aquele que dedicou os estudos mais consistentes a dois tipos de profissionais responsáveis por estas construções – arquitetos e marmoristas. Mesmo que ele – obviamente – não arrole apenas sobrenomes alemães, registremos dois daqueles e um destes como representativos da influência “alemã”: Rodolpho Ahrons, Theo Wiederspahn, J.[acob] Aloys Friederichs.⁴

As carreiras de Ahrons e Wiederspahn transcorreram associadas, por um período. Continuam a existir, no mínimo, três marcos importantes que são representativos de sua atuação, em Porto Alegre – na Praça da Alfândega, o antigo prédio dos Correios e Telégrafos, onde hoje funciona o Memorial do Estado do Rio Grande do Sul, e, ao lado, outra obra imponente, que foi a Delegacia Fiscal da Fazenda, agora abrigando o Museu de Arte do Rio Grande do Sul; pouco afastado dali, está o hoje denominado Shopping Total, que abrigou, em sequência, várias cervejarias. Como obras específicas de Ahrons, podem ser citados o prédio que abrigava a Faculdade de Medicina e aquele que continua abrigando a Faculdade de Direito, ambas no *campus* central da UFRGS. Das muitas edificações pelas quais foi responsável Wiederspahn, número considerável se encontra ainda em uso, pelo interior do estado; em

⁴ Para um estudo da área da Arquitetura, cf. GRIENEISEN, 2019.

Porto Alegre, várias foram demolidas, outras sofreram modificações, mas, entre aquelas que estão intactas, encontram-se o Hotel Majestic, transformado em Casa de Cultura Mário Quintana, e o antigo Edifício Ely, próximo à rodoviária, hoje ocupado por uma empresa que comercializa material de construção.

Ainda que dentre as obras preservadas se sobressaíam aquelas em igrejas e cemitérios, cita-se aqui a Casa Aloys (de J. Aloys Friederichs) como uma das mais importantes empresas a produzir esculturas e material decorativo de fachadas, durante quase toda a primeira metade do século XX. Além deste viés, Friederichs também foi um elemento marcante da presença alemã em Porto Alegre, pela liderança que exerceu no movimento associativista deste grupo étnico, como mostrou Haike Roselane Kleber da Silva (2006).

Não muito distantes da arquitetura e da estatuária, estão as artes plásticas. Há a registrar, no mínimo, dois sobrenomes alemães nesta área. Pela quantidade de trabalhos acadêmicos dos últimos anos, até um leigo imagina que ao menos um deles, Pedro Weingärtner, deve ter alguma importância para a história das artes deste país. Mesmo que, talvez, menos estudado, Joseph Lutzenberger – também conhecido como José Lutzenberger Pai, para distingui-lo do filho ecologista, homônimo – deixou, além de muitos desenhos e pinturas, vestígios como arquiteto (além do citado Palácio do Comércio, a Igreja São José, o Pão dos Pobres, e outros).

Arte e ciência, muitas vezes vistas como coisas diferentes, não deixam de ser, ambas, produto do gênio humano; ciência, por sua vez, lembra educação, ensino. Neste sentido, além de outras, foram marcadas pelo “espírito” alemão duas escolas que ainda existem. O Colégio Anchieta teve influência decisiva de jesuítas alemães, que, na segunda metade do século XIX, após Bismarck tê-los expulso da Alemanha, vieram em grande número para o Rio Grande do Sul. Nos seus primórdios, a escola, inclusive, dividia os alunos em duas turmas, uma “alemã” e outra “brasileira”. Como colégio laico – ainda que frequentado por muitos luteranos –, estava a escola do *Hilfsverein* (Sociedade de Socorro), a qual, nos anos 1930, atendia por *Hindenburgschule*, e hoje constitui o Colégio Farroupilha. Maria Helena Bastos (2013) e seu grupo publicaram extensos estudos sobre ele.

Em torno de 1900, surgiram as instituições de ensino superior que vão desembocar naquilo que é hoje a UFRGS. Mostrou-se que a Faculdade de Direito foi a menos “afetada” pela presença de professores e alunos de sobrenome alemão. Mas – especificamente naquilo que tange ao professorado – tanto a Faculdade de Medicina quanto, sobretudo, a Escola de Engenharia sofreram influência considerável de “alemães”; esta última, inclusive, era vista como inspirada numa *Technische Hochschule* (GERTZ, 2002, p. 152).

Mesmo que a história sobre eventuais influências “alemãs” na UFRGS ainda esteja por ser escrita, convém lembrar ao menos um episódio ocorrido por ocasião da fundação da Faculdade de Filosofia (que, na época, 1942, reunia as áreas que formavam professores para o ensino médio): a cátedra de Botânica foi ocupada por uma pessoa de nome Alarich Rudolf Holger Schultz. Interessantemente, a cátedra de Etnografia – que derivou para Antropologia – foi ocupada também por um botânico, de sobrenome que soa menos alemão, mas nem por isso é menos “germânico”, Balduino Rambo (HOMRICH *et al.*, 2014; GERTZ, 2007). Ambos exerceram papel de destaque na criação da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, recentemente extinta.

No livro alusivo ao centenário da imigração alemã (AMSTAD, 1924, p. 341), há uma lista de 41 *Vereine*, associações ou “sociedades”, perseguindo os mais diferentes objetivos, mantidas em Porto Alegre pela população de origem alemã. Durante a Segunda Guerra, quase todas elas foram “nacionalizadas”, tiveram seus nomes “abrasileirados” e desapareceram como “alemãs”, ainda que em algumas delas condutas de vida “germânicas” sobrevivam, de forma consciente ou não. Entre as mais destacadas, cabe lembrar, naturalmente, a SOGIPA, mas também ainda existem Leopoldina Juvenil, Germânia. Como mostrou Glen Goodman (2015, p. 155-185), a única “sociedade” de caráter declaradamente alemão criada após a última guerra mundial foi o Centro Cultural 25 de Julho, onde a data constante no nome lembra a chegada dos primeiros imigrantes alemães a São Leopoldo, em 1824.

Estas “sociedades” tinham muito a ver com a alegada preferência alemã pela *Geselligkeit* e pela *Gemütlichkeit*, isto é, pela sociabilidade e pelo “aconchego”, pela “tranquilidade”. Mas algumas estavam associadas ao emprego de muito esforço físico – dentre elas, se destacou o *Turverein*, a Sociedade Ginástica, enfim, a SOGIPA. Janice Mazo (2003) e discípula(o)s vêm dando enorme contribuição para o estudo deste aspecto da vida de alemães e descendentes em Porto Alegre. Cabe lembrar que – além da SOGIPA – Grêmio Náutico União, clubes Veleiros do Sul e Jangadeiros tiveram significativa influência alemã, em suas origens. Além da ginástica e dos esportes aquáticos, também na prática do ciclismo, e de vários outros, alemães estiveram presentes.

Neste contexto, não há como evitar breve parágrafo dedicado ao futebol. Recorrendo às pesquisas de Ricardo Soares (2014), constata-se que a certeza veiculada pelo senso comum de que o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense tenha sido fundado como clube “alemão” constitui apenas meia verdade, pois, mesmo tendo havido 23 sobrenomes alemães entre os 31 fundadores, e mesmo que muitas pessoas com sobrenome da mesma origem tenham ingressado no clube, até 1912, ele acolheu, também, pessoas de outras origens étnicas (p.

168-171); ao contrário do propalado, não há evidências de que, em algum momento, seus estatutos tenham sido redigidos em alemão (p. 46).

Times efetivamente “alemães” foram o *Fuss-Ball-Club* e a *Fuss-Ball-Mannschaft Frisch Auf* (SOARES, 2014, p. 98-99) – na Primeira Guerra Mundial, o primeiro virou Foot-Ball Club Porto Alegre, o segundo desapareceu. Outra equipe que tinha algo a ver com a “colônia alemã” foi o São José. Como se sabe, a comunidade católica São José costumava ser referida como “dos alemães”. Há indícios de que o clero ligado a ela (jesuítas) tentou organizar um time de futebol sob controle disciplinar especial, para evitar as frequentes brigas e pancadarias verificadas durante os jogos (SOARES, 2014, p. 123-124).

Da mesma forma que em várias regiões de colonização alemã do interior do estado – Ijuí, Pelotas, Santa Cruz do Sul, São Leopoldo – surgiram jornais em língua alemã; Porto Alegre teve vários títulos de diferentes orientações, no decorrer do tempo. Deve-se destacar que não se está falando de pequenas “folhas” editadas por instituições, mas de jornais que não se distinguiam, de forma substancial, da imprensa de língua portuguesa, com formato e conteúdo muito parecidos. Suas manchetes internacionais podiam referir-se não à França ou à Inglaterra, e sim à Alemanha, mas, no mais, as diferenças não eram grandes.

Após uma ou duas tentativas anteriores, esta imprensa se firmou no início da década de 1860 e se manteve – com no mínimo dois títulos, ao longo do tempo – pelo espaço temporal que vai de 1861 a 1941, quando a política de “nacionalização” do governo brasileiro determinou seu fechamento. Fundado por Karl von Koseritz, em 1861, o primeiro jornal a registrar uma existência duradoura foi a *Deutsche Zeitung* [Jornal Alemão]; no contexto de uma exposição teuto-brasileira, em 1881, originou-se um conflito entre os responsáveis e financiadores do jornal, levando Koseritz a fundar um novo órgão, a *Koseritz’ Deutsche Zeitung* [Jornal Alemão de Koseritz]. Aquele continuou sendo publicado até a Primeira Guerra Mundial, quando desapareceu. O outro mudou seu nome para *Neue Deutsche Zeitung* [Novo Jornal Alemão], em 1905, tendo sobrevivido à guerra de 1914-1918, sucumbindo no contexto da Segunda Guerra Mundial.

Na produção destes jornais, estiveram envolvidos luteranos e agnósticos, motivo pelo qual a orientação editorial era laica. A eles se contrapunha o *Deutsches Volksblatt* [Folha Popular Alemã], de orientação expressamente católica. Fundado em São Leopoldo, por jesuítas, em 1871, foi transferido a Porto Alegre, no início da década de 1890, onde sua propriedade formal saiu das mãos dos jesuítas para, inicialmente, as da família Wallau, depois da família Metzler, com quem permaneceu até sua extinção, no contexto de 1941. Com esta família, consolidou-se uma empresa editora que atendia por Typographia do Cen-

tro, responsável por intensa produção de material religioso, didático, literário, ao longo dos anos. No final dos anos 1930, a família Metzler passou a editar *A Nação*, numa linha próxima ao *Volksblatt*, só que em português. Este jornal sobreviveu até o final da década de 1950, com um encarte em alemão, tendo legado à Capital gaúcha um endereço bastante conhecido – a “Galeria A Nação”.

A importância destes jornais é muito grande – não por último para a reconstituição da presença alemã em Porto Alegre. Neles, está registrada a história deste setor da população local, nos seus aspectos econômicos, políticos, educacionais, culturais, recreativos, religiosos. Além disso, podem contribuir para a reconstituição da história geral da Capital e do estado. Em pesquisa própria, foi possível constatar que, durante a Revolução Federalista (1893-1895), por exemplo, esta imprensa não esteve sob censura, e, assim, podemos encontrar nela informações sobre o transcurso do conflito que não estão nos jornais de língua portuguesa.⁵

Sobre o surgimento e o desaparecimento desta imprensa, Francisco Rüdiger (1996) opinou que seu início se deveu ao estranhamento do novo mundo, pelos imigrantes, à manutenção da identidade, às divisões internas e ao desafio da integração política, “geradores de um conjunto de problemas peculiares, que estão na base da formação de uma esfera pública alemã no Rio Grande do Sul” (p. 132). Além dos problemas causados pela “nacionalização”, durante a Segunda Guerra Mundial, seu fim pode ser atribuído à ascensão socioeconômica e política das elites germânicas, que tornou “suas aspirações econômicas coincidentes com as do bloco histórico formado em 1930”, e seus interesses, aparentemente, “terminaram encontrando a expressão pública que lhes interessava nas duas empresas que então disputavam a liderança do mercado de jornais do RGS” (p. 137), os Diários Associados, com o *Diário de Notícias*, e a Caldas Júnior, com o *Correio do Povo*.

Manuais sobre a história da maçonaria no Rio Grande do Sul mostram que a quinta loja fundada em Porto Alegre, desde o início do século XIX, foi a Harmonia IV, em alemão “*Zur Eintracht*”. Tendo como líder mais destacado Karl von Koseritz, aliado a outros “*Brummer*” – legionários alemães contratados, em 1851, pelo governo brasileiro, no contexto dos confrontos bélicos na região platina –, teve participação de outras figuras de destaque político, como o deputado Ernesto Ludwig (DIENSTBACH, 1993, p. 462-464). Esta loja deve ter despertado curiosidade entre parcelas da população, porque, no Brasil como um todo, era impossível imaginar uma aproximação entre maçons e Igreja

⁵ Coleções bastante completas desta imprensa encontram-se no Acervo Benno Mentz, depositado no DELFOS/PUCRS.

Católica. No caso da *Eintracht*, porém, ela se localizava no terreno da comunidade luterana, e a quase totalidade dos integrantes da diretoria desta eram frequentadores da loja.

Terminemos esta rápida referenciação a “alemães” em Porto Alegre com um olhar para o campo gastronômico. Mesmo que o trabalho de Carmen Rekovsky (2013) se dedique à culinária alemã contemporânea (da segunda metade do século XX para cá), há um item dedicado ao tempo mais recuado, à primeira metade do século passado, quando, de forma subjetiva e objetiva, se costuma localizar, cronologicamente, o apogeu da presença desta gente na Capital. Em termos de bares, ela cita Breustübel, Liliput, Arthur, Eduardo, Hubertus, Zeppelin, Zitter Franz, Zum Franziskaner; ao lado deles, aparecem os restaurantes Floresta Negra e Rhenania (p. 99ss.).

São conhecidas as referências a estes locais por cronistas porto-alegrenses. A autora transcreve trecho de Paulo de Gouvêa, no seu livro *O grupo*, para ilustrar a importância que locais “alemães” tiveram nas perambulações noturnas de intelectuais da época:

os velhos bares da velha Porto Alegre! Com seu ambiente carregado de fumaça dos cigarros e do típico aroma do chope de barril – o “*chopp so goldenklar*” [tão claro quanto o ouro] da esquecida canção – com sua música meio capenga, mas sem igual para alegres bebedores, eles eram o refúgio final das nossas perenes madrugadas. E quanto mais aumentavam as rodadas de papelão sobre a mesa de toalha em quadradinhos, mais bonita era a vida olhada através dos copos generosos que os garçons (por onde andará o Jacó e seus companheiros?) infatigavelmente renovavam ao nosso também infatigável apelo traduzido para o alemão: “*Bitte, noch ein*” [por favor, mais um] (p. 100-101).

Na sequência, a autora transcreve passagem, do mesmo cronista, que destaca, em especial, o Zitter Franz. Cita, também, Nilo Ruschel, “alemão” de Estrela, em seu livro *A Rua da Praia*, onde, além da qualidade do chope, destaca comidas “típicas” que eram servidas ali: “Os pratos da casa eram o ‘Queijo de porco’ e a salsicha ou o ‘*Eisbein*’ com chucrute, com grandes pinceladas de mostarda. E o pão preto” (p. 102). Referências a locais como Gambrius e Chalé da Praça XV poderiam ampliar o passeio gastronômico, mas o espaço acabou!

Referências

AMSTAD, Theodor. *Hundert Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Typographia do Centro, 1924.

BASTOS, Maria Helena Camara et al. (org.). *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: memórias e histórias (1858-2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

BISSÓN, Carlos Augusto. *Moinhos de Vento*: histórias de um bairro de Porto Alegre. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 2008.

BONOW, Imgart Grützmann. Os anuários em língua alemã no Rio Grande do Sul de 1874 a 1941. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 75-86, 1993.

COSTA FRANCO, Sérgio da. *Porto Alegre e seu comércio*. Porto Alegre: Associação Comercial de Porto Alegre, 1983.

DELHAES-GUENTHER, Dietrich von. *Industrialisierung in Südbrasilien*: die deutsche Einwanderung und die Anfänge der Industrialisierung in Rio Grande do Sul. Colônia: Böhlau Verlag, 1973.

DIENSTBACH, Carlos. *A maçonaria gaúcha*: história da maçonaria e das lojas do Rio Grande do Sul (III). Maringá: Editora Maçônica “A trolha” Ltda., 1993.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. *Porto Alegre 1900-1920*: estatúria e ideologia. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. *Estatúria, catolicismo e gauchismo*. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2002.

FORTES, Alexandre. *Nós do Quarto Distrito*: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

GANS, Magda Roswita. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre: ANPUH-RS, 2004.

GERTZ, René E. (trad.). *Memórias de um imigrante anarquista*: Friedrich Kniestedt. Porto Alegre: EST, 1989.

GERTZ, René E. *O aviador e o carroceiro*: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GERTZ, René E. Elite intelectual, religião e religiosidade no Rio Grande do Sul do entre-guerras. In: RAMBO, Arthur Blasio *et al.* (org.). *Pe. Balduino Rambo – a pluralidade na unidade*: memória, religião, ciência e cultura. São Leopoldo: Editora da UNISINOS, 2007. p. 73-85.

GOODMAN, Glen S. *From “German danger” to German-Brazilian President*: immigration, ethnicity, and the making of Brazilian identities, 1924-1974. 2015. Tese (Doutorado em História) – Emory University, Atlanta, 2015.

GRIENEISEN, Vera. *Aspectos transculturais na arquitetura porto-alegrense*: a obra de quatro profissionais alemães entre 1900 e 1950. 2019. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

HASS, Ani Maria Schiphorst. *O empresariado industrial do Rio Grande do Sul*. 1971. Dissertação (Mestrado em Ciências Econômicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1971.

HOMRICH, Maria Henriqueta *et al.* (org.). *O legado de Schultz*: uma vida dedicada à botânica. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014.

GERTZ, R. E. • Alemães em Porto Alegre: sua presença no trabalho, na cultura, no comércio, na indústria

MACHADO, Janete da Rocha. *O veraneio de antigamente: Ipanema, Tristeza e os contornos de um tempo passado na zona sul de Porto Alegre (1900-1960)*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

MACHADO, Janete da Rocha. *Empreendedorismo teuto-riograndense: o caso das empresas Bromberg & Cia. (1860-1932)*. 2019. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

MAZO, Janice Zarpellon. *A emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira*. 2003. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) – Universidade do Porto, 2003.

OLIVEIRA, Lizete Dias de. Porto Alegre e seus reflexos: a cidade imaginada e a cidade oficial. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 16, número especial, p. 17-28, 2010.

PIASSINI, Carlos Eduardo. *Imigração alemã e política: os deputados provinciais Koseritz, Kahlden, Brüngen e Bartholomay*. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2017.

REKOVVSKY, Carmen Janete. *A geografia dos restaurantes alemães de Porto Alegre – R.S.* Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2013.

ROCHE, Jean. *A colonização e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

RÜDIGER, Francisco R. Imprensa e esfera pública. In: FISCHER, Luís Augusto *et al.* (org.). *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: Editora da Universidade-UFRGS, 1996. p. 131-137.

SEITZ, Sílvia Karina Crestani. *Bairro Três Figueiras: criação da Associação Alemã*. Monografia (Trabalho de Conclusão de curso de bacharelado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. *Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão: a história de uma liderança étnica (1868-1950)*. São Leopoldo: Oikos, 2006.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

SOARES, Ricardo Santos. *O foot-ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

WEIMER, Günter. Os alemães de Porto Alegre. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 161, p. 53-82, 2021. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/view/118787>>. Acesso em: 23 jan. 2022.